

RESSURGIMENTO

SEMÁRIO NACIONALISTA

Director e Editor, **ANTÓNIO-LINO**

Redacção e Administração: Rua de Santo António, 84
 Composição e impressão: Tipografia "Minerva" — Famalicão
 Propriedade da Empresa Editora Vimaranesa

SAUDAÇÃO

DE NOVO NA LUTA E NO TRABALHO PELA NOSSA TERRA E PORTUGAL, GRAÇAS A DEUS, AINDA NÃO RECUAMOS, PERMANECENDO OS MESMOS — AGINDO NO PRESENTE, CONFIANDO NO FUTURO.

AS NOSSAS PRIMEIRAS SAUDAÇÕES ÀQUELE QUE TORNOU POSSÍVEL O NOSSO RESSURGIMENTO — QUE FOI O SEU LEMA E NOSSO É TAMBÉM — SALAZAR. NUMA EUROPA TUMULTUÁRIA E CONFUSA, ERGUE-SE, BEM ALTO, O PENDÃO DAS QUINAS, ORGULHOSO E DIGNO DO SEU PASSADO. DE NOVO O NOME DE PORTUGAL É RESPEITADO E MARCA UMA POSIÇÃO NO MUNDO, OFERECENDO O SEU EXEMPLO E DANDO LIÇÕES A QUEM UM DIA, BEM PRÓXIMO, JULGARA DAR-NOS CONSELHOS.

APROXIMA-SE A HORA DAS FESTAS DO DUPLO CENTENÁRIO DO PORTUGAL SECULAR. AQUI TERÃO O SEU PRIMEIRO DIA. FOI ESSA A VONTADE DE SALAZAR E DE TODOS OS HOMENS ILUSTRES QUE SE PROPÕEM EXECUTÁ-LAS — JUSTIÇA QUE NUNCA NOS NEGARAM.

A NOSSA GRATIDÃO.

SAUDANDO SALAZAR VIMOS COLOCAR-NOS INCONDICIONALMENTE AO SEU DISPOR COMO SOLDADOS DEDICADOS, AINDA QUE HUMILDES, DA HOSTE NACIONALISTA. AS SUAS DIRECTIVAS SERÃO PARA NÓS QUAIS MANDADOS QUE JUBILOSAMENTE CUMPRIREMOS MUITO EMBORA NOS EXIJAM DOLOROSOS SACRIFÍCIOS. ESTAMOS CERTOS DE QUE PROCURANDO IMITÁ-LO NO SEU DESINTERESSE, NA SUA DEDICAÇÃO, NO SEU PATRIOTISMO, NA SUA INCANSÁVEL ACTIVIDADE A BEM DO IMPÉRIO, SEGUIMOS POR BOM CAMINHO E A NOSSA ACÇÃO POR MUITO APAGADA QUE SEJA NÃO PODERÁ DEIXAR DE SER PROVEITOSA.

SAUDANDO SALAZAR SENTIMOS QUE SAUDAMOS TODO O NOSSO QUERIDO PORTUGAL QUE RENASCE PARA NOVOS E ALTOS DESTINOS RETOMANDO OS ANTIGOS RUMOS EM QUE GANHOU FAMA E GLÓRIA, SENTIMOS QUE SAUDAMOS TODOS OS PORTUGUESES ESPALHADOS PELO IMPÉRIO E POR TODOS OS RECANTOS DA TERRA.

«Não, não é ainda a hora triunfal, o sol a pino do meio-dia, mas é já, depois das indecisões do alvorecer, a alegria e a saudável frescura da manhã.»

SALAZAR.



ANTÓNIO

LINO.

SOCIEDADE
 MARTINS SARMENTO
 BIBLIOTECA

D A C I D A D E

VIDA CATÓLICA NOTICIÁRIO

Domingo de Ramos

ENTRADA TRIUNFAL DE JESUS EM JERUSALÉM

Evangelho (Mat., XXI, 1-9). — Como se aproximaram de Jerusalém, e chegaram a Bethfagé, ao monte das Oliveiras, enviou JESUS dois dos seus discípulos, dizendo-lhes: «Ide a essa aldeia que está defronte de vós, e logo achareis presa uma jumenta e um jumentinho com ela. Desprendei-os, e trazei-mos. E se alguém nos disser alguma coisa, respondei-lhe que o Senhor há mister deles; e logo vo-los deixará trazer». Tudo isto sucedeu, para que se cumprisse o que tinha sido anunciado pelo Profeta: «Dize à filha de Sião: Eis aí o teu Rei, que vem a ti cheio de doçura, montado numa jumenta e num jumentinho, filho do que está debaixo do jugo». E os discípulos fizeram como JESUS lhes ordenar. E trouxeram a jumenta e o jumentinho, e cobriram-nos com os vestidos, e fizeram-no montar em cima. Então, da gente do povo, que era muita, uns estendiam no caminho os seus vestidos, e outros cortavam ramos de árvores e juncavam com eles a passagem; e tanto as gentes que iam adiante, como as que iam atrás, gritavam: «Hossana ao Filho de Davide! Bemdito o que vem em nome do Senhor! Hossana nas maiores alturas!»

HOMILIA. — Tudo são mistérios na vida inefável do Salvador; mas nada aconteceu que não estivesse decretado pela eterna sabedoria, e em todos estes acontecimentos encontramos um grande e fecundo assunto de reflexão.

A entrada triunfante de JESUS em Jerusalém mostra-nos dum lado a magestade e bondade do Salvador e de outro os sentimentos dos judeus.

Aprendamos daqui a maneira de receber JESUS porque ele também deseja entrar nas nossas almas.

JESUS infinitamente sábio, poderoso e bom, encontrou um meio de ficar entre nós para nos consolar, nos fortificar, nos cumular de graças e reinar sobre nós. Hoje mesmo por ocasião da Páscoa os seus ministros nos recordam a sua entrada triunfal e dizem a cada um de nós: eis o vosso Rei que vem a vós cheio de doçura. Preparai-vos, pois, para bem, o receberdes, porque ele é o vosso Deus, vosso Soberano, vosso Pai, cheio de ternura e de amor; ele vos convida. Não o desprezeis, não lhe digais que não! Ah! dá-se hoje o que outrora em Jerusalém: entre os cristãos, filhos

de Deus, cumulados de benefícios do Salvador; há inimigos fígados que renegaram a JESUS, e fazem, tanto a ele como à sua Igreja, uma guerra contínua, ao mesmo tempo declarada e secreta; há perseguidores, blasfemos, sacrílegos... homens como Caifás e como Judas! e se há coisa que lhes pese é que não tenha desaparecido já Jesus Cristo e a sua Igreja para erguerem, em seu lugar, os ídolos de suas paixões, quaisquer que elas sejam, Satan, ou outro vício.

Há também, e em maior quantidade, pessoas cobardes e indiferentes, que conhecem a JESUS mas procedem como se o não conhecessem... desprezam ou têm em pouco os seus preceitos e os seus sacramentos, não querem desligar-se dos seus prazeres, ou comprometer-se diante de Caifás ou de Herodes, por se declararem seus discípulos, irem deante deles, saúdarem-no e receberem-no!... Serão fervorosos se nada tiverem de sacrificar-se, e, tendo de sacrificar-se, se isso não lhes custar muito.

Pois, bem, em que disposições estais? Quereis receber JESUS? E como? Excitai em vós verdadeiros sentimentos de fé, reconhecimento e amor.

Para bem o acolherdes, *despojai-vos do velho homem* destruí vossas paixões, oferecei-lhe as palmas das boas obras. Depois tende todo o cuidado de lhe ficardes fieis para que ele reine neste mundo e vós com ele reineis no outro. Amen.

(Thieret).

Semana Santa na Oliveira

Domingo de Ramos. — Às 8 horas: Bênção dos Ramos seguida de Missa rezada.

Quinta-feira Santa. — Às 11 horas: Missa cantada seguindo-se a Exposição do SS. Sacramento na urna.

Das 22 às 23 horas: Adoração

Sexta-feira Santa. — Às 9 horas: Canto da paixão, Adoração da Cruz e Missa dos Presantificados.

Sábado — Às 8 e meia horas: Bênção do Lume, Canto do Precónio Bênção da Água e Missa cantada.

zes profundas e compreendido na pura essência das coisas o que tende o nosso corporativismo.»

SALAZAR.

Non há possibilidade de reformar as Cousas Públicas sem uma doutrina.

Maurício BARRÉS.

Sufragando

Celebrou-se na passada quarta-feira, na igreja da Insigne Colegiada da Santa Maria de Oliveira, uma missa comemorando o 1.º aniversário da morte de D. Deolinda Aurora de Castro Ferreira e sufragando a sua alma, mandada celebrar por seu marido e filho, os nossos amigos António José Ferreira e Manuel Ferreira.

Doentes

Continua doente o filhinho do ilustre professor da Escola I. e C. sr. Mário de Sousa Menezes.

Os nossos desejos de melhoras. — Agravaram-se ultimamente os padecimentos da ex.^{ma} esposa do sr. Francisco de Assis Pereira Mendes, nosso grande amigo e camarada de sempre. Fazemos ardentes votos de alívio para os seus sofrimentos.

Aniversários

Fizeram anos nos dias 29, 30 e 1 d'êste mês os srs. António de Carvalho Jacinto, José Nunes Pinto, professor do Internato Académico e Almério Ferra.

Desobriga

Realizou-se na passada quinta-feira a desobriga dos presos da cadeia.

De passagem

Cumprimentamos nesta cidade o nosso amigo sr. capitão Guedes Gomes de S. Romão, Fermil de Bisto.

Em férias

Encontra-se entre nós o ilustre oficial do Exército e Presidente da S. M. S. sr. capitão Mário Cardoso, que

Empresa Editora Vimaranense

E' o semanário *Ressurgimento* propriedade da Empresa Editora Vimaranense, de Lima & C.^a, fundada recentemente e composta pelos senhores:

Alfredo Félix.
António José Pereira de Lima.
António José Pereira Rodrigues.
Dr. Augusto Ferreira da Cunha.
João Mendes Fernandes.
Prof. Joaquim de Almeida Guimarães.
Joaquim da Silva Ferreira Monteiro.
José da Costa Santos Vaz Vieira.
Dr. José Francisco dos Santos.
Dr. José Maria Pereira de Castro Ferreira.
Cap. José Maria Pereira Leite de Magalhães e Couto.
José Ribeiro Moreira de Sá e Melo.
Dr. Leopoldo Martins de Freitas.

se encontra em Caxias a fazer o tirocínio para o posto imediato. Sua Ex.^a aproveitou a ocasião de se encontrar em Lisboa para tratar com êxito de assuntos que interessam à Sociedade que inteiramente dirige.

Reunião

Realiza-se no próximo sábado de Aleluia uma reunião dançante na Associação Comercial, pelas 22 horas, que promete estar animada.

Partidas

Tendo terminado os seus serviços escolares, partiram para férias as professoras do nosso liceu ex.^{mas} sr.^{as} D. Loide Pires Chumbo, para V. N. de Gaia e sr.^a D. Maria da Conceição Ferreira Felipe, para Queluz — Lisboa. Para Coimbra também partiu o professor do liceu sr. dr. João Gualberto Galvão. Acompanhada de sua ex.^{ma} mãe, partiu para Lisboa a ilustre professora de música e dirigente da M. P. F., D. Clotilde Ramos.

Guerra de Espanha: Missa

O Batalhão n.º 13 da L. P., para comemorar o fim da guerra de Espanha, manda celebrar hoje, pelas 10 horas, uma missa na igreja de S. Francisco por alma dos «Viriatos» que tomaram em Espanha, defendendo, contra a barbárie, os sagrados princípios da civilização ocidental e cristã. Em seguida os legionários marcharão para a Câmara Municipal onde tomarão parte na manifestação que a União Nacional promove em honra de Franco e da nova Espanha e onde falarão os srs. Presidente da C. C. da U. N., representantes da L. P. e da M. P. e o sr. Presidente da Casa do Município.

«Caminhamos com fé, melhor, caminhamos sem receio neste fortalecimento dos indivíduos pela vida intensa dos seus grupos naturais, porque não pretendemos o Estado onipotente governando sobre a miséria de rebanhos destruídos, mas o Estado forte Nacional, resultante do equilíbrio que a justiça crie entre todos os indivíduos.»

SALAZAR.

«O Estado tem o dever de educar a mocidade no amor pelos exercícos vigorosos, que a devem preparar e dispor a uma acção fecunda e a tudo quanto possa exigir a honra e os interesses nacionais.»

SALAZAR.

«Tudo pela Nação, nada contra a Nação.»

SALAZAR.

Duplo centenário de 1940 A' MARGEM

Guimarães, dia um de Portugal

NOS últimos dias de Abril do próximo ano (que Júlio Dantas tam bém denominou o Ano Aureo), quando já tiverem despontado as primeiras rosas da primavera nos mil canteiros de que se compõe este jardim que é Portugal, dar-se-á o sinal, em Lisboa, do início oficial das festas do Duplo Centenário. E na sua Sé restaurada, onde já se cantou há oito séculos o *Te-Deum* da Reconquista, entoar-se-á agora o da gloriosa e propecta idade da Pátria, rodeando-se tam solene cerimónia de todos os ritos e galas—alguns quasi caídos em desuso—que a Santa Sé, pelos tempos fora, concedeu privilegiadamente ao Patriarcado da capital lusitana. Tôdas as Sés de Portugal e seus domínios farão côro simultâneo com a de Lisboa. E, logo a seguir, os poderes do Estado, em numerosa e brilhante representação, com os chefes do Estado e do Govêrno à sua frente, e o corpo diplomático no seu séquito, transportar-se-ão à illustre cidade de Guimarães, bêrço da Nação, para ali inaugurarem, com a maior pompa, as festas que desde êsse momento, e por espaço de seis meses, electrizarão os corações portugueses em tôda a extensão do território do Império. Do alto do venerável Castelo, onde nascemos como Nação, pronunciará o Dr. Salazar a mensagem ou proclamação inaugural, logo radiodifundida a todo o Mundo luso-brasileiro, e na qual já de antemão sabemos que serão ditas palavras destinadas à História, palavras que se não apagarão mais dos fastos nacionais, palavras à altura dos factos que se hão-de celebrar e do homem que será porta-voz delas, um e outros no mesmo nível de grandeza e de glória.

Bem merece Guimarães êsse privilégio, que já alvoroça com motivo os seus habitantes. Em verdade todos os Portugueses são, em certa medida, vimaranenses, pois foi ali, na decisiva batalha de S. Mamede, que raiou a aurora da Pátria, e foi dentro dos muros da fidalga vila que se desdobraram os primeiros capítulos da nossa existência. O «Dia Um de Portugal» foi em Guimarães que rompeu e ninguém lhe pode disputar tal primazia. Côrte dos nossos primeiros Reis, lugar de grande devoção para todos êles, apanágio da casa de Bragança desde a origem desta, sede de uma das mais famosas Escolas do Reino—o Convento da Costa, ainda hoje viçoso no esplendor dos seus jardins sem par—Guimarães tem parte não pequena no «Dia Dois» da independência nacional, que foi Aljubarrota, pois é à sua Colegiada de Santa Maria de Oliveira, um dos grandes santuários da Península, que El-Rei D. João I oferece, logo depois da vitória, talvez a mais preciosa das suas presas de guerra: o altar de prata doirada, tomado a Castela, que ainda hoje se pode admirar no Museu Alberto Sampaio, e onde sem dúvida se há-de celebrar a missa campal de 1940.

Cheia de poesia e de encanto há-de ser, a olhos nacionais e estrangeiros, essa hora inicial de Guimarães. Sentiremos todos a antiguidade da Nação, veremos nas próprias ruínas, ainda tam grandiosas, do seu Castelo, o símbolo de quanto vivemos, de quanto durámos, de quanto fizemos. Do alto dessas muralhas sagradas partimos, primeiro à conquista do território com que formámos o Reino, e depois, quando êste ficou tam sólidamente construído que ainda é imutavelmente o mesmo, à conquista, à descoberta e à evangelização e colonização de mais de meio mundo. Todos sentiremos uma vez mais, e nunca será demais, que Portugal foi um milagre, que a sua história mais parece lenda, e que não podemos exonerar os nossos ombros, por mais dêbeis, da obrigação imprescindível de mantermos e aumentarmos, quanto possível, a herança recebida. Aos povos foi dada por Deus a faculdade, negada aos homens, da sua ressurreição neste mundo. A velhice só para êles existe quando são incapazes de renovação. Não é, graças também a Deus, e como o estamos testemunhando, o nosso caso.

Mas a visita a Guimarães ainda nos trará outras evocações proveitosas. Já há anos me referi à diferença de ritmo e de carácter, à verdadeira dualidade da nossa história, antes e depois da dinastia de Aviz. Até D. João I, Portugal é uma Nação agrícola e guerreira, ciosa de independência, íntegra e tenaz de carácter. A partir do reinado do Mestre de Aviz, somos, e ficámos sendo, uma Nação de heróis e de nautas, e também de aventureiros e mercadores. O primeiro Portugal nasceu em Guimarães. Era mais ária e mais loiro, e da sua forte e sã personalidade dão testemunho as páginas da nossa viril história medieval. O segundo, mais africano, moreno e moiro, é o que ainda está diante dos nossos olhos. No primeiro predominou o Norte; no segundo, o Sul.

Foi o Infante D. Henrique que, rasgando na casa portuguesa a janela que deita para o mar, inundou de luz nova a nossa vida e criou ambições maiores no país inteiro. Os descobrimentos eram obra de alcance universal, susceptível de mudar, como mudou, o rumo da civilização. A nossa pequenina existência regional, por mais equilibrada e normal que fôsse, perdeu logo o interesse. A fachada de Portugal passou a ser Lisboa.

Ainda há hoje quem faça côro ao velho do Restelo, deplorando a mudança. Mas são entes de vista curta. Outros, sem irem tam longe, lamentam que as nobres regiões mínhotas, transmontanas e beiroas, de uma austeridade quasi helvética, e ainda tam intactas e tam portuguesas, não influam mais sobre a oriental Lisboa, de alma um pouco boémia, e que, apesar dos seus defeitos, vence sempre.

Teriam razão se assim fôsse. Mas a verdade é que o Sul é constantemente vitalizado e colonizado pelo Norte e que as virtudes dêste vêm permanentemente em auxílio daquele. O Norte ficou, de facto, para sempre nas traseiras da Nação, porque lhe faltou o Tejo, e, talvez, também um pouco do génio do mando, da audácia, da capacidade atractiva, que deram estilo a Portugal e neutralizaram outros erros meridionais. Mas consulte-se o rol dos nossos maiores homens e lá se encontrarão os do Norte quasi sempre ao leme da nau. Agora mesmo, quem nos governa, alumia e guia, senão um Beirão de todos os costados?

PASSARAM AS SEMANAS sobre o artigo que o *Diário de Notícias* publicou em fundo, da pena do embaixador Alberto de Oliveira.

Calou bem fundo na alma vimaranense, que não é ingrata—a nossa transcrição de hoje o confirma, passados já tantos dias. E que se nessa altura não tínhamos os meios de fazer a sua expansão, *Ressurgimento* no seu dia primeiro, orgulha-se de o arquivar em suas páginas.

Para Alberto de Oliveira, poeta bem latino das Romas imperiais de sempre, escritor forte do Império Lusitano, profeta que já na sua «Carta de Longe» que enviou em 1929 de Roma, antevia já a aurora do Duplo Centenário—as saudações sinceras da nossa juventude.



«A comissão nomeada não é uma comissão representativa de colectividades ou interesses, mas uma comissão técnica que, pelo seu conjunto, mais facilmente poderá realizar as comemorações centenárias.»

Palavras de SALAZAR no empossamento da comissão central das Festas Centenárias e que serviu de base na escolha por essa comissão central das comissões das festas na província.



É A RUA DE SANTA MARIA, a rua mais típica da cidade e a mais interessante do País. Muito por ela se fêz, integrando-a tanto quanto possível na sua primitiva forma. Algumas casas há dignas dum restauro mais completo, mas para já exigia verbas que não há.

Mas o que não pode continuar assim é o seu piso e a sua higiene. Que se consertem os ladrilhos. Que se lave a rua. Que se obriguem os seus moradores a não fazerem da rua lugar de despejos.



A BASÍLICA DE S. PEDRO foi muito beneficiada não só com a colocação do relógio como com a lavagem geral que recebeu a sua fachada. A «Patine» negra que cobre o granito desfeia muito a sua beleza.

Porque se não faz o mesmo à igreja do Campo da Feira? Realçaria muito mais a imponente elegância das suas tôrres. Nas festas, a sua iluminação produziu um efeito surpreendente. Porque se não continua o passeio central, que parte da frente da igreja, até à frontaria do ex-teatro Afonso Henriques?



É DE AMÉRICO DURÃO o Poema que hoje publicamos. *Tantalo, A Lâmpada de Argila, Poema da Humildade*, são livros que definem um talento, marcam uma personalidade. Desnecessários os adjectivos.

Versos de hoje no sentir de sempre—são seus versos. Não se prenderam. Vão que também soube descer a ladeira da terra humilde—conhecer o comum, o banal—que também sente, na sua humildade.

O inédito Poema de hoje pertence ao livro *Tombola e outros Poemas do Destino*, a aparecer brevemente.

Programa das comemorações em Guimarães

O cruzeiro da independência

Dia 27 de Abril:

A's 11 horas:

Solene *Te-Deum* na Insigne e Real Colegiada de N. S. da Oliveira, com a assistência das autoridades civis, militares e religiosas do concelho.

A's 15 horas:

Sessão solene da Câmara Municipal.

E' a preparação, em todo o Império, para o início das Festas Centenárias.

Dia 28 de Abril:

(1.º dia das Festas Centenárias)

De manhã:

Alvorada. Chegada dos contingentes militares — exército, marinha, legionários e brigada naval; da Mocidade Portuguesa; das representações civis e religiosas.

De tarde:

Chegada de Sua Ex.^a o Chefe do Estado e do Governo. Viagem por estrada desde o limite da antiga província de Entre-Douro e Minho (Maia). Durante o percurso Sua Ex.^a será saudado pelo povo das regiões (freguesias) que atravessa — arcos regionais e flores. Recepção em Guimarães e sessão de cumprimentos e boas-vindas.

A' noite:

Iluminações gerais na cidade. Arraiais. Velada de armas no Castelo por tropas da actualidade.

Dia 29 de Abril:

De madrugada:

Alvorada. Ocupação do castelo pelas tropas da Fundação. (150 chameleiros, archeiros, etc., vestidos a rigor).

De manhã:

Cortejo das Flores — as raparigas do campo, do concelho, vão levar as suas flores ao Castelo — homenagem das mulheres portuguesas ao Fundador da Pátria — atapetando por completo a parte da colina voltada ao Campo do Salvador, onde se realiza a missa campal. Sua Ex.^a o Chefe do Estado e demais entidades assistirão à passagem do cortejo numa das ruas da cidade.

Missa campal:

Em presença das fôrças do Exército, da Marinha, Legião e Mocidade, dos representantes do Trabalho Nacional e das Câmaras Municipais de todo o país — todos com as suas bandeiras — no Largo do Salvador, Sua Ex.^a Rev.^{ma} o Arcebispo Primaz rezará missa em acção de graças pela Fundação da Pátria Portuguesa. Assistirão Suas

Ex.^{as} o Chefe do Estado e Presidente do Conselho, Sua Em.^a o Cardial Patriarca, os bispos da metrópole, o Corpo Diplomático e o restante elemento oficial.

Durante a missa cantar-se-ão vários trechos de música sacra portuguesa. Serão também cantadas algumas estrofes dos *Lusíadas*.

A seguir Sua Ex.^a o Presidente do Conselho falará do Castelo aos portugueses de todo o mundo e, depois, o Chefe do Estado hasteará a bandeira de Afonso Henriques na torre de Menagem. Nesse momento, do interior do Castelo serão largados dez mil pombos.

Os aviões de Portugal sobrevoam a Praça, repicam os sinos das igrejas de Guimarães e de todo o Império, salvam as peças de artilharia e as bandas tocam o Hino Nacional que a multidão acompanha.

Nos castelos de Portugal e de além-mar e nos consulados de Portugal no estrangeiro será, à mesma hora, içada também a bandeira da fundação.

A Emissora Nacional radiodifundirá a cerimónia e fará em quatro línguas a reportagem dos acontecimentos.

A hora de Guimarães será transmitida para as diferentes igrejas e castelos do Império, Brasil, e consulados no estrangeiro.

A's 2 horas:

Almôço no Mosteiro da Costa, fundado pela rainha D. Mafalda, mulher de D. Afonso Henriques.

De tarde:

Grande arraial típico na Costa.

A' noite:

Representação do *Auto da Fundação* nos claustros dos Paços dos Duques de Bragança. Iluminações gerais na cidade. Arraiais. Marcha luminosa (gualteriana).

Dia 30 de Abril:

De manhã:

Despedida de Sua Ex.^a o Chefe do Estado e comitiva, que seguirá por estrada para o Pôrto, via Citânia, Póvoa de Lanhoso e Braga. No percurso ser-lhe-ão prestadas as mesmas homenagens que na vinda.

Comemora-se este ano o tricentenário da capelinha de Santa Vera Cruz, na rua de Santa Cruz.

Em 1639 funda-se esta capela, comemorando, (era a 3 de Maio) embora erradamente, um dos grandes feitos dos Portugueses — a descoberta das Terras de Santa Cruz, o Brasil. Embora em pleno domínio castelhano não se perdera aqui o culto das nossas glórias e heróis. E' simbólica esta manifestação de amor Pátrio e Religioso e interessante o sê-lo no V centenário da batalha de Ourique, onde o nome da cruz nos aparece também. E' como que um padrão a atestar a fé e a vontade de um povo imortal, a esperança numa certeza que se aproxima. E chegou. No ano seguinte ao da sua construção, reconstrue-se a Pátria também. Nesse mesmo ano, em frente da capelinha, ergue-se um cruzeiro singelo, padrão a marcar uma época: a Independência. Estavamos em 1640.

Comemora-se este ano de 1939 o 3.º centenário da pequenina capela de Santa Cruz e com êle o VIII centenário de Ourique. No próximo ano comemora-se o III centenário da Restauração e com êle também o do cruzeiro de Santa Cruz.

Na sua modéstia, não pelo seu valor artístico, mas simbólico e histórico, o cruzeiro que se ergue em frente da Capela de Santa Vera Cruz é bem o *Cruzeiro da Independência* de Guimarães!

VIMARANES.

«Está tam enraizado em nós o espírito de grupo e tam pouco o de Nação, que soluções políticas, absolutamente lógicas, dentro da orientação nacionalista, não chegam a ser compreendidas e são muitas vezes criticadas por aquêles mesmos cujo espírito se não pode duvidar.»

SALAZAR.

«Temos de reagir pela verdade da vida que é trabalho, que é sacrifício, que é luta, que é dor, mas que é, também, triunfo, glória, alegria, céu azul, almas lavadas e corações puros, e dar aos portugueses, pela disciplina e a cultura física, o segredo de fazer duradoura a sua mocidade, em benefício de Portugal.»

SALAZAR.

Festas dos Centenários Educação Política A causa da Espanha

por ANTÓNIO — LINO

Começaram, em labor intenso, os preparativos para as realizações das Festas dos Centenários. Cabem, a Guimarães, as honras primeiras. Por si seria já enorme título de orgulho — berço da monarquia e, com ela, duma Nação — se não se juntassem a esse o de ser nesta região que apareceram os mais sólidos testemunhos que demonstram a razão do aparecimento de Portugal e, nesta cidade, terem nascido os Homens que ligaram à Terra milenária o nosso povo. Nesta terra apareceram os castros, ligados aos lusitanos. Aqui nasceram Martins Sarmiento e Alberto Sampaio.

*
*
*

I. Regresso à tradição

Os precursores do nosso nacionalismo

E' em pleno liberalismo, quando a Pátria parecia afundar-se para sempre no caos — o segundo « finis lusitaniae » — que um grupo de homens, em último esforço, a tentam reerguer, ressuscitando-a das cinzas mortas do esquecimento em que caíra. São esses os verdadeiros precursores do nosso nacionalismo e terão, gravados no bronze os seus nomes, ao fazer-se a história dos nossos tempos.

Chamaram um dia estúpido ao século XIX, e é já hoje um lugar comum. Os que o defendem chamam por testemunhas o grupo de homens ilustres que nêle viveram.

Puro engano. Sim, grandes homens teve. Mas são-no exactamente grandes — são eles próprios que o confirmam — quando se insurgem contra a sua época, desiludidos das falsas promessas.

E' Alexandre Herculano ressuscitando o municipalismo em luta com a liberdade na política; « eu não entro em casas de má nota », dizia êle, referindo-se aos parlamentos. E' Garrett escrevendo a D. Branca, inspirada na nossa tradição poética medieval, dos nossos cantares de amigo, afastando-se do romantismo francês, e restaurando o nosso teatro, o teatro de Mestre Gil. E' Oliveira Martins e Ramalho Ortigão; Fialho e Eça; Ricardo Severo e a Portugália. São todos os « vencidos da vida » — um único se desligou e logicamente, insensível aos anseios da nossa Raça, o judeu Guerra Junqueiro — ao revoltarem-se contra o seu século e procurando regressar, frementes de amor pátrio, aos caminhos perdidos da tradição.

E bem ao alto estão colocados dois grandes homens, orgulho de Guimarães:

Martins Sarmiento e Alberto Sampaio.

Não me esquivo a de novo transcrever as belas palavras de inteira justiça e sintética precisão, que António Sardinha escreveu:

« Extinta a vida provincial, mortos no urbanismo crescente os longos serões à lareira, o património lírico do tronco luso depressa se apagaria nos moldes uniformizadores duma odiosa compressão centralista, se ao génio esquecido dos Antepassados não acudisse a dedicação infatigável de meia dúzia de obreiros, no momento os únicos que puderam fixar as razões eternas da existência de Portugal. São os folcloristas, são os arqueólogos que de alvião em punho, tentam salvar da casa em ruínas o tesouro escondido na pedra da lareira. Vasculhando na poeira das civilizações defuntas, Martins Sarmiento ligara a génese da Pátria a um ocidentalismo cada vez mais provado, donde nos sai, no seu sentido histórico, a árvore-de-geração de Portugal. »

E' bem êle o verdadeiro exumador dos alicerces da Pátria Portuguesa. E' Martins Sarmiento, confiante nos seus estudos, que um dia, concluindo, escreveu vitorioso:

« Os lusitanos, ao contrário do que geralmente se pensa, têm, graças à sua posição geográfica, uma das mais puras árvores genealógicas dos Povos antigos. »

O primeiro capítulo da História de Portugal começa aqui e estava escrito nas venerandas pedras da velha lusitânia, nessa Cítania, necropole onde é preciso ir para rezarmos ao Sol de Deus, a oração da Raça. E lá estaremos para o ano.

A Legião Portuguesa, organismo nacional de voluntários irremuneradamente alistados em fileiras militares, atingiu rapidamente uma quantidade de homens que se não previa.

Ao serem lançadas as bases deste organismo, tinha-se em vista agrupar todos os homens moralmente bons e fisicamente aptos, para serem adestrados no manejo das armas e ser-lhes ensinada a tática militar indispensável para uma campanha tanto internacional como nacional.

No campo internacional a Legião considera-se ao dispor da Pátria para a defesa da sua absoluta integridade; no campo nacional, coloca-se ao lado do governo para a defesa da boa ordem e manutenção da paz, para o combate rude e contínuo às ideias subversivas e destruidoras, totalmente inconvenientes ao progresso moral e material da nação.

A actual organização política do nosso país corresponde perfeitamente às necessidades actuais, mesmo internacionalmente consideradas.

Por consequência a Legião Portuguesa apoia o actual governo e defende a constituição e organização política de Portugal, Estado Corporativo.

Ao tirar estas rápidas conclusões, deduzo que ao organismo em questão não bastam os conhecimentos de ordem militar; e, sem de modo algum dispensar estes, reputo necessários os conhecimentos políticos.

Salazar já um dia se queixou da falta de educação política do povo português. A actual Comissão Central da União Nacional, ao tomar posse, notou a mesma falta.

A' Legião, pois, está indicado ser uma escola de educação político-social. Não se pode admitir que haja legionários, possuidores até de certa mística que desconhecem, por exemplo, os fundamentais princípios da organização corporativa portuguesa.

Estarei eu, porém, a dar uma novidade? De maneira nenhuma. Mais do que o que disse, faz já parte da orgânica da L. P.

Simplesmente na maior parte dos núcleos não principiou ainda o funcionamento de tal escola.

Sem qualquer velado intuito apenas desejo lembrar a grande necessidade que há na imediata execução de tal programa.

Consoante o aproveitamento de cada «aluno» ir-se-á verificando até que ponto êle é aproveitável e poder-se-á depois fazer uma melhor e conveniente selecção dos filiados.

Ninguém ignora que muita gente — e sei lá se até um ou outro membro da organização — faz da L. P. uma agência de colocações ou uma companhia de segurança do emprêgo já possuído.

Ninguém desconhece a cavernosa actividade maçónica-comunista em introduzir elementos temíveis, escondidos na capa macabra da hipocrisia, dentro das fileiras da Legião, para, como pestilento microbio, irem minando a mística indispensável, irem contagiando êste e aquêle com o mal do perigoso desânimo.

E' preciso que todos se convençam de que a Legião é uma força e tem uma finalidade a cumprir e que, portanto, não pode estar a tropeçar aqui e além em pequeninos obstáculos, produto evidente dos elementos indesejáveis que, por infelicidade estejam filiados.

Questões surgem já e logo, e eu sei que muitas vezes não são provocadas pelos motivos que aponte, mas pela ignorância do dever, por desconhecimento da missão que compete à organização, e por falta de mentalidade.

Tudo isto acabará em grande parte com as lições a que me referi e com o descerrar de múltiplos e

Está no fim a guerra de Espanha. Lá se têm batido gloriosamente os fortes «viriatos» incorporados nos exércitos de Franco. Alguns por lá tombaram em defesa da nossa civilização. Pelo nosso Estado lhes foram prestadas as honras devidas. O Estado Espanhol não se poupa a engrandecer e honrar a acção dos «viriatos» e de corresponder à amizade de Portugal e seu Governo em grandiosas manifestações ao nosso Ministro em Espanha.

Todos os corações dos saos portugueses acompanharam dia a dia o encaminhar das operações, esperando a vitória final da verdadeira Espanha sobre os bárbaros vermelhos.

Só aquêles a quem a razão está tolhada, apegada a mitos que de há muito derruídos apodrecem em cavernas, longe da luz do dia, continuam a sua campanha contra Franco e contra Salazar. Falhadas tôdas as outras grandes razões, lembram-se agora da razão patriótica!

Mas já os conhecemos. Insurgem-se contra o governo de Salazar dizendo que está debaixo do domínio inglês. O seu patriotismo (?) revolta-se.

Estupidamente, pouco depois, a nota já é outra, ou antes, o contrário. O governo de Salazar está traindo a nossa secular aliança. De novo o seu patriotismo? se sente revoltado por não estarmos sob o domínio inglês.

Os fins ocultos destas campanhas conhecemo-los nós. Desmascarados depressa caíram por terra as atoardas. Mas nem assim acabaram com a nota patriótica. O caso espanhol serviu-lhes.

E vá de fazer propaganda contra Franco a pretexto de que a Espanha é a nossa tradicional inimiga.

«E' essa a tara mais grave do patriotismo português — tara que, diminuindo e encobrindo tudo o que há de universal no nosso génio, parece instituir como condição basilar da nossa independência um ódio fundo, — um ódio cego, um ódio irracional à Espanha.»

Porque, se, naturalmente, na nossa crise de governação e desenvolvimento, tivemos que lutar, e lutar bravamente, com a hegemonia absorvente de Castela, não é menos também que tudo quanto de humano existe na nossa História — descobrimentos, colonização do Novo-Mundo, defesa da civilização oriental, não teria sido possível se, ao lado do braço lusitano, com a mesma idealidade por bandeira, se não encontrasse o braço castelhano naquele consórcio admirável, de que Camões nos *Lusadas* é o eco vingador e inesquecível. Palavras escritas pelo Mestre António Sardinha aos patrioteiros do seu tempo. Palavras proféticas a quem o tempo veio dar razão.

Na verdade, só na Universalidade da acção, na defesa da civilização ocidental latina e cristã existe a unidade da Hispânia.

Separados mas bons vizinhos, sintetizou-o Salazar. Só nessa altura foi útil o nosso esforço conjugado ao da Espanha, esforço de auxílio mútuo. Salado é um exemplo. O perigo peninsular era mesmo nessa época. Hoje, se os portugueses apoiam a Espanha ainda o fazem pela mesma razão.

Na defesa da Península contra a invasão dos bárbaros vermelhos.

Este número foi visado

pela Comissão de Censura

(Continua na página seguinte).

A.

Eternidade do Cristianismo

Do semanário católico *Notícias de Beja* recortamos este bocadinho:

O mundo se convencerá

«Dioleciano — Em 505 mandou cunhar moedas com a seguinte inscrição: «Lembrança do desaparecimento do Cristianismo»... Dioleciano desapareceu há 1.000 anos...

O cristianismo vive...

Voltaire — Em 1753 dizia: «Dentro de vinte anos desaparecerá o Galileu»... Vinte anos depois, em 1778, morria Voltaire... O Galileu continua...

V. Cousin — Em 1845 dizia: «o cristianismo não tem vida para cinquenta anos». Cousin não a teve para vinte... O cristianismo continua...

V. Proudhon — dizia: «As almas piedosas que tomem o passaporte adiantado, porque antes de 10 anos não haverá um só padre para lhes administrar os Santos Oleos»... Proudhon morreu em 1893... Os padres continuam...

Combes — Em 1904 dizia: «Vou acabar com a reacção clerical!... Dai-me 3 meses; não preciso mais»... Passaram os 3 meses; Combes também passou... A igreja e o seu clero continuam.

Os autores da lei da separação em Portugal, em 1910 diziam: «A religião extinguir-se-á ao cabo de 3 gerações...» Eles acabam por desaparecer! As gerações sucedem-se...

Cristo reinará sobre as sepulcros de todos os ímpios e de todos os orgulhosos.»

«Caiu a semente na terra secura, e germinou, extensa seara que os nossos olhos vêem: à descrença dos pessimistas apresentam-se realidades palpáveis.»

SALAZAR.

Educação Política

(Continuação da página anterior)

contínuos quadros da nossa história e exemplo do Chefe.

Conseguir-se-á assim a fé e religiosidade da Legião. E depois, vê-la-emos desfilar com mais garbo e aprumo. Fronte levantada desafiando os sarcasmos da cobardia repugnante, passo firme e audaz a calcar com valentia o terreno que os doentes da alma e ferozes do coração tentam minar.

Camaradagem na formatura, os corações irmanados no mesmo sentimento e as almas levadas pela mesma ideologia, a Legião Portuguesa vencerá por um imperativo do destino, sem que talvez precise de disparar um tiro sequer.

António Gilvino Macêdo A. S. M.

Ourivesaria e Joalheria

DE

José Fernandes

Transformam-se e consertam-se todos os objectos em OURO, PRATA E JÓIAS

CONSERVAM-SE RELÓGIOS

Rua de Paio Galvão

TELEFONE 212

GUIMARÃIS

A MODERNA

LIMA DAVID & C.^a, L.^{da}

14 — R. Paio Galvão — 16

GUIMARÃIS

O MAIS COMPLETO SORTIDO EM MIUDEZAS E ARTIGOS DE NOVIDADE

J. P. de Figueiredo

Aducos agrícolas

Praça do Mercado — Guimarães

MATERIAL AGRICOLA

MATERIAL VINICOLA

MATERIAL SANITARIO

Agente e depositário da Casa Abecassis — Porto

JOÃO FERREIRA DAS NEVES

Rua de Santo António — Telefone 181

GUIMARÃIS

HORÁRIOS DAS CARREIRAS DE CAMINHETAS

HORÁRIOS DAS CARREIRAS DO PEVIDÉM

Guimarães	Pevidém	Pevidém	Guimarães
Partidas	Chegadas	Partidas	Chegadas
7,35 A	7,50	8,00 A	8,15
8,05	8,20	8,30 F	8,45
8,20 B	8,35	9,00 B	9,15
12,00 C-G	12,15	12,30 C	12,45
16,30 B	16,45	17,15 B	17,30
19,15 D	19,30	19,30 D	19,45
20,35 E	20,50	20,55 E	21,10

A — Efectuam-se diariamente excepto aos Domingos.
B — Efectuam-se aos Sábados.
C — Efectuam-se diariamente.
D — Efectuam-se de 1 de Dezembro a 30 de Junho.
E — Efectuam-se de 1 de Julho a 30 de Novembro.
F — Efectuam-se só aos Domingos.
G — Efectuam-se de 16 de Novembro a 14 de Junho.
Não se efectuam aos Domingos.

HORÁRIO DA CARREIRA DA PÓVOA DE VARZIM

Guimarães	Póvoa	Póvoa	Guimarães
Partida	Chegada	Partida	Chegada
7,15	9,55	17,15	19,50

Efectua-se todo o ano

HORÁRIOS DAS CARREIRAS DO PORTO

Guimarães	Porto	Porto	Guimarães
Partidas	Chegadas	Partidas	Chegadas
8,05	10,00	8,00	10,00
12,35 C	14,30	12,30 C	14,25
18,20 A	20,15	17,00 A	19,05
		18,30 B	20,25

A — Só se efectua de 1 de Dezembro a 30 de Junho.
B — Só se efectua de 1 de Julho a 30 de Novembro.
C — Não se efectua aos Domingos.

CASA DOS LINHOS

(REGISTADA)

TEIXEIRA D'ABREU & C.^a

(Premiados na Exposição de Paris em 1900)

FÁBRICA ESPECIAL DE PANOS DE LINHO DE GUIMARÃIS

ATOALHADOS, PANOS DE ALGODÃO, LENÇOS, COLCHAS DE SEDA E DE ALGODÃO. BORDADOS REGIONAIS. SERVIÇOS PARA CAMA, PARA MESA, CENTROS, NAPRONS, ETC.

Teleg. TEIXEIRA ABREU
Telefone 25

32, 33, 34 Largo 28 de Maio, 35, 36 e 37

Guimarães

DA MOCIDADE

O Duplo Centenário da Nacionalidade

Excerto duma mensagem dirigida à Juventude do Império e lido na oração de sapiência do Colégio Militar pelo seu ilustre professor Dr. Manel Gomes dos Santos,

Notas ligeiras

Vai entrar num período de grande actividade a Ala de Guimarães da M. P. Em breve conversa conhecemos alguns números do programa a cumprir, que publicaremos na devida oportunidade. Por hoje estas notas ligeiras.

Para principiar?...
— Começamos por procurar instrutores.

Para o núcleo de E. I. e Comercial foi nomeado o sr. tenente Mário Pinheiro.

— Entrou a Primavera, tencionam acompanhar?

— Logo depois das Férias da Páscoa acamparemos nas Taipas, no seu parque à beira-rio. Praticaremos várias modalidades desportivas, o remo muito principalmente. Com os rapazes desta cidade faremos durante as férias um na Penha como no ano passado.

— 28 de Maio?
— Convidavam-nos a fazer a nossa representação no acampamento-treino para o grande congresso da juventude em 1940, representação que se compõe de 20 moços.

Estes terão uma instrução preparatória especial. Haverá então em Lisboa campeonatos desportivos entre os vários Alas de Portugal.

—... Depois?
— Depois, falaremos.

VANGUARDISTA.

«Nós poderíamos não estar criando — e estamos — a sociedade do futuro, a antecipar-nos e a prevenir as convulsões de que usam irromper os nossos ciclos da História do Mundo; nós poderíamos não estar senão atendendo às mais instantes necessidades do momento e do nosso País, e ainda se imporia como acertado o caminho que trilhamos.»

SALAZAR.

|||

«Seguros de haveremos regenerado a Nação e conscientes do papel que ainda lhe está reservado no Mundo, por ocasião das Festas Centenárias, poderemos inclinar as nossas bandeiras ante a memória dos que fizeram Portugal e dizer-lhes, orgulhosamente: — nós somos bem os filhos do Vosso sangue e os legítimos continuadores da Vossa História.»

SALAZAR.

⊕

«Fugindo da divinização do Estado e da sua força, em nome da Razão e da História, nós temos de realizar o Estado forte, em nome dos mais sagrados interesses da Nação.»

SALAZAR.

A CANÇÃO NACIONAL

Variações sôbre o fado

I

«... estava, em parte, salva a canção nacional», escreve em propositada (?) conclusão o sr. Leitão de Barros na entrevista que fez ao Chefe do Governo para o jornal o Século.

Poderia concluir, isso sim, que as guitarradas (o som de viola e da guitarra), a canção coimbrã, essa tal parte do fado (?), irroneamente dito, estava salvo — mas única e exclusivamente aquela parte que tinha música, «outras cousas, não», disse-o, na mesma entrevista, Salazar.

Essa parte do cancionero nacional estava e está salva — admite-se. Agora o que se não admite é a teimosia em lhe chamarem canção nacional, seja no todo ou na parte.

II

O fado — canção nacional?! E, estúpida e má fé ou teimosia, não acaba duma vez para sempre esta injúria ao povo português.

Que entendemos por canção nacional?

— O fado? Qual? — desnecessária quasi a pergunta pois fado, fado, só é aquê a que nós chamamos de Lisboa.

— Se êle, com precisão, vem de Lisboa é, mas de alguns dos seus bairros!

O fado, canção? Canção é aquela que chamamos fado (?) de Coimbra. Mas acabem-se as confusões: fado, fado, só é aquê a que chamamos de Lisboa.

Esse:

que nem de Lisboa é; que nem música tem — acompanhamento sêco, que mais fácil é de incluí-lo na classificação de ruído; que nem letra poética tem — versos (?) sem ideia, rima ou cousa alguma tem — e quando a tenta ter, não sai ideia mas idiotice; que nem em português é feito; êsse é que é a canção nacional?

III

Sem música, sem letra, sem ideia — absurdo em suas conclusões, ignóbil na moralidade que mostra — quem que o fado expresse o sentir forte da raça lusitana.

— ¿variações de guitarra acompanhadas de violão, o fado? — não que o fado não é música.

— ¿serenata de Coimbra, o fado? — não que o fado não é poesia.

Não, o fado não é a canção nacional. Canto de renúncia duma nacionalidade falida, chaga fétida dum estado de lazeira moral e cretinização de inteligência, o fado, dizem ser o queixume aiado de gente lusitana. Nem isso.

IV

Não, não é a canção nacional «mas um canto de criminais, uma chorosa elegia de taberna, cárcere e alcouce, em Portugal nascido não da sensitividade cândida do povo, mas nas vielas de Madragoa e Mouraria, — em tôda a parte onde petintais e fadistonas crapulam promiscuamente os seus vio-

lentos e os seus fumantes amores de bestas feras. Nesta carne de miséria é que a delinqüência nata ou ocasional tende a perdurar nos crânios a ideia do destino esquiliano, fatídico, fora da sociedade e da lei, donde os fadistas sacam maravilhosos lieds de poesia criminal, ardente, airada, uivando lamentações e z'ais! prolongados, confessando a franqueza de vencidos e a inutilidade de reagir ao destino adverso que do alto enreda, nos seus fios, a inconsciência da rês votada à morte!» Escreveu-o a pena dura de Fialho de Almeida. E que diria hoje se o visse radio-difundido chegar às cidades, às vilas, invadir os povoados, mascarar as aldeias, pior que qualquer das pragas do Egipto!

— «Mas fala à alma dos portugueses!... A' alma? Mentira, à lama.

Se há almas que o sentem, são almas doentes. Mas é na patologia que se estudam estes casos.

E mal vai ao doente, se para a cura do seu organismo débil, procura um veneno que lhe abra mais a sua chaga purulenta, lhe alimente o pús, ou lhe deite mêzinhas que o enganem, ludibriando-se a si mesmo. O remédio é saber a causa de doença e extirpar o mal completamente. E o fado é o pior dos micróbios!

V

Ide, correi o Portugal de lés-a-lés. Descei aos campos, escalai muros, sentai-vos à sombra dum pinhal, escutai. Que ouvis, que tanto vos alegre?

E' o Minho alacre, Trás-os-Montes rude, as Beiras serranas, o Douro sòlheiro, a Estremadura, os Alentejos e Algarves — é todo o Portugal que canta!

O fado? — blasfémia. E' a canção da terra.

São os coros da romaria, canções da geira e da eira, — cravos vermelhos em orelhas de Maneis, braçadas enormes de alfádega em colos de Marias —; são as vozes de terno, terno das Avé-Marias, murmurar baixinho que diz benções e orações; cantares ao desafio, conversar rimadas de namorados; são saias rodadas, contas de vidrilho em aventais, rameados dos lenços ou corpetes; são as filigranas das arrecadas e cordões das moçoilas, e os nomes em ponto-de-cruz nas camisas dos moços.

VI

Levanta-te, descobre-te. Nesse canto, canção da terra, encontrarás «cantares de amor e de amigo», orações de amor a Deus, agradecendo o pão nosso de cada dia — Deus e Pátria e Família — Portugal. E' esta a sua canção.

E encontrarás mais — o que não encontras no fado — as formas tão diversas e múltiplas de cantares e orações, mas alcançando um mesmo fim: — o amor à Terra. E como é difícil manifestar ideias iguais em tão diferentes modalidades!

Em Guimarães nasceu D. Afonso Henriques, que recebeu a sua água baptismal na capela do castelo, em MCXI. Com êle nasce a Pátria portuguesa, nos campos de S. Mamede, recebendo o baptismo nos de Ourique. Em Guimarães deverão ter início as Comemorações Centenárias.

Esta justa aspiração dos vimaranenses, já quando do II Acampamento da Mocidade, foi expressa pelo nosso colaborador António-Lino, numa entrevista publicada no «Diário de Lisboa», onde se afirma: «No alto do Monte Latito, onde fica Guimarães, encontram-se também juntos, unidos, como os dois centenários, dois padrões que mais que quaisquer outros os simbolizam: o Castelo e os Paços dos Duques de Bragança — a lembrar 1139, 1640!»

E mais adiante referindo-se ao início das festas:

«O número principal seria o hasteamento da bandeira de Afonso I na torre de menagem do Castelo pelo Chefe do Estado. No grande largo fronteiro, em numerosos mastros expostos dum e doutro lado, seriam hasteadas tôdas as bandeiras nacionais. Nessa hora solene do nascimento do Portugal de Santa Maria, repicariam festivamente os sinos das igrejas do Império. Ao mesmo tempo, da torre seriam largados milhares de pombos, que levariam a boa nova às cinco partes do mundo onde há portugueses.»

Tal sugerem os vimaranenses; são também estes os votos dos NOVOS DE PORTUGAL. Que belo motivo para um grande acampamento da Mocidade, que tomaria à sua guarda a bandeira do Conquistador durante os dias que ali estivessem os representantes da gente nova de Portugal. Que emocionante comêço, tão próximo pela sobriedade de ânimo austero do nosso primeiro Rei e seus leais e esforçados cavaleiros!

VII

Somos novos. Somos intransigentes e desassombrados.

E porque somos novos e tivemos uma educação física e moral que a geração anterior não teve não compreendemos a mentalidade velha. Por isso não sentimos o fado.

Somos a vida sã e o fado é um caso patológico.

Misérias sociais, facadas; tísicas; desgraçadas, humanitarismos reles pacifismos rebaixantes, tôda essa lama — o fado — não cabe na mocidade.

Por isso a gente moça, a mocidade portuguesa, nesta época do ressurgir integral da nossa consciência secular, aprende as nossas canções de aldeia e as canta, porque estas sim, falam ao seu coração, ao seu sentir lusitano.

Há coros de romaria, canções das sementeiras, vozes de terno, cantares ao desafio do Minho; rimances rudes de princesas e cavaleiros de Trás-os-Montes; fandangos da Estremadura; corais alentejanos; corridinhos do Algarve. Há serenatas ao luar — mas são trovadores medievos os seus antepassados, não faquistas ou rascoas negroides ou árabes como o são os antepassados do fado.

E «lá vamos, cantando e rindo...»

LUSO.

Sob o signo da verdade

A política da verdade, em boa hora inaugurada pelo *Estado Novo* e um dos seus mais legítimos títulos de glória, conquistou já foros de cidade em toda a terra portuguesa e vai lenta mas seguramente penetrando todos os sectores da vida nacional. Que o seu domínio se alargue e intensifique não pode deixar de ser aspiração ardente de todos os nacionalistas sinceros. O triunfo do Estado Novo é o triunfo da Verdade.

No pósto de combate que «*Ressurgimento*» vem ocupar, hastear-se-á pois necessariamente, o pendão da verdade como símbolo do nosso ideal e como norma de procedimento. Defendê-lo-emos sempre, sem hesitações nem desfalecimentos, e por nada dêste mundo o trairemos.

Tôdas as vezes que a verdade seja ofendida ou atacada, *Ressurgimento* correrá em seu auxílio e não descansará enquanto a não tiver repostos no lugar que lhe pertence, onde todos a vejam e respeitem. Sejam amigos ou inimigos os que se lhe opuserem, sejam fracos ou poderosos, nada nos deterá na luta. É preciso que a Verdade reine completa e absoluta em todos os campos e não nos daremos por satisfeitos enquanto não chegar o seu reinado.

As meias verdades de que o mundo anda repleto e o enchem de confusão não nos servem; só a verdade plena e íntegra nos pode satisfazer. Por ela estamos prontos a bater-nos; por ela nos dispomos aos maiores sacrifícios.

Combateremos intransigentemente, em todos os campos, o erro e a mentira com todo o seu cortejo de falsidades. Na incoerência e na hipocrisia veremos os nossos piores inimigos. Não os pouparemos nunca; jamais pactuaremos com êles.

Mas fiéis aos princípios da moral cristã que professamos, combatendo os erros não atacamos os homens. Procedendo conforme aconselha o grande Santo Agostinho — *aniquilai os erros mas amai os homens* — jamais visaremos na luta a pessoa do adversário; a êsse, como nos manda a lei porque orientamos a vida, votaremos todo o amor de que formos capazes; mas aos seus erros, para bem de todos e para bem dêle próprio, profligá-los-emos, sem violência escusada e sem agressividade inútil, com toda a nossa vontade, com todo o ardor da nossa alma.

Aquêles que não pensam como nós e não seguem as nossas doutrinas não deixam por isso de fazer parte daquele próximo que temos obrigação de amar. Não podemos, pois, tê-los por inimigos, embora sejam por vezes nossos adversários. Combatê-los não é acto de agressão, mas necessidade imperiosa de defesa da verdade.

Verax.

«Nenhum de nós — nacionalistas e amante do seu País — faz profissão de nacionalismo agressivo, exclusivo, odioso; antes se apegam à noção da Pátria. É que compreende, por instinto do coração e por imposição da inteligência, que o plano nacional é ainda o melhor para a vida e para os interesses da humanidade.»

SALAZAR.

AO VIZINHO POVO ESPANHOL, NESTA HORA HERÓICA DA VITÓRIA, ENVIAMOS A EXPRESSÃO DA NOSSA SINCERA ALEGRIA GRI-TANDO COM ENTUSIASMO

ARRIBA ESPANHA!
VIVA PORTUGAL!

POEMA

AINDA NÃO. É CEDO AINDA. QUERO OLHAR TRANQUILAMENTE O CORAÇÃO COM QUE NASCI!
TER A ALMA TAM OUTRA, TAM MUDADA, QUE, AO FITÁ-LA, SERENO, POSSA DIZER:— MORRI!
DEPOIS, FIXANDO EM MIM DE NOVO OS OLHOS ACRESCENTAR: RESSUSCITEI!

QUERO,
— OLHAI BEM QUE NÃO É UM DEVANEIO!—
AO RECORDAR AS HORAS DE ABANDONO E LASSIDÃO QUE JÁ VIVI,
OUVIR BATER MEU CORAÇÃO MOÇO E VIRIL,
SEM A SAUDADE DESBOTADA E TRISTE DE ALGUM REMOTO ANSEIO.

AMÉRICO DURÃO.

INÉDITO

A' IMPRENSA

Ressurgimento ao participar da árdua missão que pesa sobre os condutores da Imprensa Portuguesa, saúda todos os seus colegas e especialmente aquêles que, nas trincheiras do nacionalismo lusitano, defendem galhardamente os princípios eternos da Revolução Nacional.

NO LIMIAR

Insuflado pela vitalidade da seiva que nesta quadra entumece a natureza, o *Ressurgimento* será, em Guimarães, o arauto robusto e altivo do pensamento «salazarista».

A verdade do nosso nacionalismo está garantida pelos nossos actos, pois só as atitudes podem depor acêrca da inteireza das convicções.

Se a qualidade de nacionalista dependesse apenas de uma simples afirmação verbal, então, afoitamente poderíamos dizer que todos os portugueses estão com o Estado Novo.

A política de vaidades, de interesses mesquinhos, de pessoalismo que por aí se pavoneia, num repto de impudor às directrizes doutrinárias da Ordem Nova, depressa convence que muitos «adesivos» há, postados em pear — com a herança nefasta do democratismos que ainda lhes ennevoa o cérebro — a fecunda e construtiva acção reformadora do Estado Novo Corporativo.

O mesmo pensamento de higiene mental e doutrinária que um dia, ainda bem recente, nos arrastou para as pugnas do jornalismo, renova-se hoje, ao sôpro vivificante da primavera, em bases de sólida permanência e continuidade.

Longe do arruído das competições pessoais; sobranceiro ao esvurmar das críticas odiantas; indiferente às opiniões anquilozadas na tacanhez dos ambientes bafientos das boticas, o *Ressurgimento* procurará, integrado no credo do Estado Novo, servir a nosso Terra e a nossa Pátria, com o ardor da nossa juventude e a firmeza das nossas convicções, sorrindo das setas ervadas da doblez e do derrotismo.

«Não estão connosco os que pensam tirar da sua adesão título de competência, os que buscam uma vantagem em vez de um pósto desinteressado de combate, os que não sentem em si nem dedicação para servir a Pátria, nem disposição para sacrificar-se pelo bem comum.»

Nesta década de vigência do Estado Novo já foi possível ao nosso critério selectivo verificar, através da flagrância de tantos exemplos, quais são os homens que aplaudem a «Revolução Nacional» movidos pela vaidade, pelo interesse, sem isenção nem disposição de sacrificio, e os que, instigados pela dedicação à causa da Ordem, a servem leal e decisivamente.

Se a força das circunstâncias nos obrigar, em obediência à pureza da nossa doutrina, a analisar alguma dessas tristes ocorrências — que o despeito dos homens tantas vezes suscita, — faremos da pena bisturi, que antes de proceder à dissecação, será cuidadosamente desinfectado, para que as escorrências purulentas não salpiquem a elegância das colunas dêste periódico.

HUGO DE ALMEIDA.

Preço da assinatura

Anual	24\$00
Semestre	12\$00
Trimestre	6\$00
Avulso	\$50